

SEXO, DROGAS E ROCK'N ROLL.

Lidenilson Marcos da Rocha Grego Neto*

“Diga NÃO as drogas!” Diz o homem detentor do dito conhecimento. “Mas, professor, por que dizer não?” Retruca o jovem faminto por respostas. “Por que NÃO! É ruim! Faz mal!” Mais uma vez argúi o homem. “Mas me explica, eu quero entender.” Pede o jovem. “Pela última vez, é NÃO e ponto final!” Encerra o homem. Esse é o discurso que invade nossas escolas de ensino médio. Assim como as drogas e todas as discussões acarretadas por elas. É preocupante, mas não são todos os profissionais que estão preparados para realmente discutir essa questão. Infelizmente, temos profissionais doutrinados de argumentos preestabelecidos e discursos engessados. Porém, entregar uma “comida feita” a um jovem e obrigá-lo a engolir não sacia a fome dele e nem o convence de algo. Eles querem entender. Sim, eles querem entender essas drogas.

Era o ano de 2012. Uma cidade do interior do estado. Uma escola estadual de ensino médio. Mais de 1200 alunos em uma faixa etária majoritária de 14 a 20 anos. E uma temática que crescia dentre os muros da escola de forma preocupante: cada vez mais alunos estavam se envolvendo em questões relacionadas às drogas. O que fazer? Chamar a polícia e plantá-la dentro da escola? Fazer revista nos alunos na entrada? Impor aos alunos uma supervisão no banheiro? E quando alguém for “flagrado” portando o material extremamente “perigoso” ser submetido a rigorosas penas coercitivas?

Questionamentos como esses inundavam a direção da escola. O rumo das discussões estava complicado, pois infelizmente, esse é o discurso que permeia toda a nossa sociedade: drogas, definitivamente, é caso de polícia!

* Bacharel em Serviço Social pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte - UFRN. Especialista em Prevenção ao Uso de Álcool e outras Drogas pela UFRN. Mestrando em Ciências Sociais pela UFRN. Graduando em Pedagogia pela UFRN. Assistente Social e coordenador do Projeto Sexo, Drogas e Rock'n Roll na Escola Estadual João Tibúrcio em Goianinha RN. E-mail: Lmarcosgrego@gmail.com

Então é ela, a polícia, quem deve resolver esse assunto, mesmo dentro da escola. A chave para esse sucesso seria a imposição de uma política pedagógica proibicionista e coercitiva? Não seria a escola um dos espaços para a discussão e a formação de cidadãos críticos? Então, por qual motivo não poder-se-ia discutir as drogas no ambiente escolar?

Foi quando houve a abertura para um espaço de discussão. Uma sala com trinta alunos dispostos a discutir e entender o mundo das drogas. Sem preconceitos, sem discursos engessados, sem proibições. Só um ambiente onde se podia livremente entender as drogas e o mundo que existe por trás delas. Eles, os jovens, sabem que ela, a droga, faz parte da vida deles. Em sua maioria, eles já tiveram, ou tem, algum amigo, parente ou conhecido que se envolve ou se envolveu com algum tipo de droga. Para eles, falar de drogas é falar de seu dia-a-dia.

Chamado de “Sexo, Drogas e Rock’n Roll”, o grupo de discussão foi implantado na escola com o objetivo de abrir um espaço para os alunos que, por vontade própria, queriam entender a questão das drogas sem sofrer nenhum tipo de preconceito. Ali, eles tinham um espaço aberto para as mais diversas discussões.

O projeto estava estruturado em rodas de conversas e debates com os alunos. Orientadas por professores e profissionais que já possuíssem alguma experiência na área de drogas, mas que estivessem abertos a discutir a temática e não doutrinar os alunos. As discussões eram pautadas sob temas escolhidos pelos alunos, nada forçado pelos profissionais.

Para surpresa dos envolvidos, muitos dos alunos só sabiam que droga era maconha, crack, cocaína, loló, cigarro e álcool, este último apenas na forma da cachaça. Eles não sabiam que tipos de malefícios biológicos e psicossociais elas causavam, mas sabiam que os “noiados” eram alvos de preconceito. Eles não sabiam o que era estar em dependência química, nem o que eram as crises da síndrome de abstinência. Mas sabiam que quando a polícia pegava um “noiado” ele apanhava muito e quando o “noiado” passava mal, eles levavam para o “hospital de doido”.

Questões como essas são frutos que amargamente estamos colhendo em nossas escolas. Em casa não há espaço para discussão da temática. Eles sabem que se falarem com os pais sobre as drogas, serão repreendidos. Se falarem nas ruas, podem ser chamados de “noiados” e serem alvos de preconceito da vizinhança. Se falarem na escola, serão levados a coordenação para serem enviados as autoridades “competentes”.

Mas lá estava o projeto, semanalmente se reunindo para discutir e debater as drogas. Depois de meses discutindo, apresentando, debatendo, conversando com os envolvidos no projeto, muitas das questões acerca do que são realmente as drogas, olhando para elas para além de uma visão moral e religiosa de uma sociedade interiorana, os alunos estavam se desprendendo dos velhos preconceitos, das velhas questões transformadas em tabus e estavam compreendendo esse mundo vasto e complexo que são as drogas.

Mas não parou por aí, o projeto buscou ir além. Estar dentro dos muros da escola não permitia aos alunos contemplarem uma realidade que era vivida por um usuário. Eles queriam conhecer essa realidade. Foi proposto a eles a visita a comunidades terapêuticas, onde eles poderiam ter uma aproximação real com dependentes químicos em recuperação. Inicialmente a idéia causou muita estranheza, já que para quem acha que a droga tem um poder demonizado, uma comunidade terapêutica seria o próprio inferno.

A questão foi levada a diretoria da escola, aos professores, coordenação e finalmente aos pais, que de forma impressionante concordaram com as visitas. É claro que alguns dos pais infelizmente não concordaram e não permitiram aos filhos a visita, mas a grande maioria pode ter esse contato. Alguns dos professores acharam uma loucura, já que esta não seria a função da escola. Então qual seria a função da escola? Domesticar nossos jovens para que eles sejam civilizados debaixo de livros didáticos e reproduzam um meio social extremamente engessado? Definitivamente, não.

O projeto visitou cerca de quatro comunidades terapêuticas. Mais de 150 usuários em recuperação. Horas de conversas, trocas de experiências e vivências. Ouvimos testemunhos de vida. Histórias impressionantes de homens

que mergulharam no tão complexo universo das drogas e que estavam ali, naquele lugar buscando um recomeço. Foi uma experiência sem igual. Mais ainda em poder ver que os alunos olhavam para aqueles homens como homens, e não como “bichos”. Ali, percebemos que os preconceitos implantados neles estavam sendo superados. Percebemos que o projeto realmente atingiu seu objetivo: discutimos as drogas e agora eles entendiam elas, ou pelo menos uma grande parte desse universo.

Paramos por aí? Não. Quem melhor do que um jovem para trazer temas a serem discutidos por jovens? Mas necessariamente dentro do ambiente escolar? Não, a certeza que os profissionais envolvidos no projeto tiveram, foi a de que dentro e para além dos muros da escola, as discussões sobre a temática estavam abertas a serem discutidas. Não somente um discurso pré-moldado em concreto, mas um tema que necessita de constantes discussões. E por que não na escola, ou melhor, por que não a escola promover o debate para a sociedade?

O que aprendemos com esse projeto? Que apesar de estarmos em uma sociedade engessada por preconceitos morais e religiosos sobre as drogas, podemos sim entender o que são essas drogas e discuti-las em um campo aberto e sem moralismos, onde ela, a droga, é o centro das atenções, não para ser proibida, atacada, destruída, mas para ser entendida, estudada, conhecida e, em determinado momento, superada. Nossos alunos são exemplo disso. Eles entenderam. Nossa direção entendeu. Nossos professores, alguns entenderam. Nossos pais, igualmente alguns entenderam. E o que nós entendemos? Que proibir por proibir sem discutir, não é nem mesmo um caminho.